

ANTROPOLOGÍA DEL CUERPO

Revista del Grupo Internacional de Investigación de Antropología del Cuerpo

O BRASIL ESTÁ NO CORPO: PARA ALÉM DE UMA VISÃO ESTÉTICA

BRAZIL IS IN THE BODY: TO EXCEED ONE VISION BEAUTY

Wallace Faustino da Rocha Rodrigues¹²

RESUMO

Questionar a constituição cultural do Brasil levando à frente uma perspectiva barroca da formação de sua civilização proporciona atenção a diversos elementos particulares. O corpo do brasileiro, neste caso, seria um destes elementos, mas, no presente caso, a atenção a ele não seria dada pela lógica puramente estética, de reprodução em massa de padrões de beleza, mas, mais profundamente, de interrogar os motivos que levam a isso, remontando aos aspectos mais singulares da constituição de uma identidade brasileira, perdida no tempo e no espaço devido ao seu conturbado processo de formação social.

Palavras-chave: Corpo. Barroco. Brasil. Cultura.

ABSTRACT

Question the cultural constitution of Brazil leading ahead of a baroque perspective of the formation of their civilization gives attention to several particular elements. The body of the Brazilian, in this case, would be one of these elements, but in this case the attention it would not be given for purely aesthetic logic, mass reproduction of beauty standards, but deeper, to question the reasons leading

¹ Graduado em Comunicação Social, em Ciências Humanas e Ciências Sociais, com mestrado em Ciências Sociais e, atualmente, doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com estágio sanduíche na Universidad de Salamanca (USAL). Em seu projeto de pesquisa estuda o Barroco na formação do Brasil Colonial. wallacefaustinatorocha@hotmail.com.

² Agradeço à CAPES pela viabilização dessa pesquisa através da imprescindível concessão das bolsas CAPES Reuni, CAPES DS e, para a realização do estágio na Univesidad de Salamanca, da PDSE. Sou igualmente grato a Luciana Masiero e Maria Inês Farany pela leitura do original e seus valiosos comentários. Como de praxe, a responsabilidade pelo conteúdo é exclusivamente minha.

to it, going back to the more unique aspects of the constitution of a Brazilian identity, lost in time and space due to its troubled process of social training.

Keywords: Human Body. Baroque. Brazil. Culture.

1. INTRODUÇÃO

A ausência de textos de escravos em primeira pessoa é algo flagrante na Historiografia brasileira. O dado denuncia o elevado índice de analfabetismo entre os negros durante o período colonial – com repercussão ao longo da Independência Nacional. À forte presença de um cristianismo católico, com suas não poucas exceções em termos de configuração, tem-se a exigência do culto religioso, da frequência à missa, seja nas capelas erguidas próximas às casas-grande, seja nas igrejas barrocas das incipientes cidades. Pensando de forma praticamente exclusiva no primeiro caso, o senhor de engenho, embora distante da ideia de homem ibérico, mantém-se fiel ao credo católico, fazendo a exigência que seus escravos o sigam na religião.

E, de fato, com a doutrinação, urgente em seu processo “civilizatório” brasileiro, tendo em conta a estranheza causada pelas manifestações pagãs dos escravos a remeterem à constituição de suas organizações tribais africanas, far-se-ia eficiente somente pela presença na igreja, na missa. O batismo dos negros recém-chegados era iniciativa comum entre os senhores de engenho (Costa, 1998). E a missa, notavelmente, é eficiente instrumento de persuasão, principalmente com a apresentação de toda a iconografia cristã. Desde o princípio, não se faz necessário o conhecimento da bíblia, tal como não se faz necessário lê-la. Basta confiar na palavra do padre e todo o seu séquito. A manifestação da fé, na forma de obras em vida, ainda prevalece nas variações assumidas pelo catolicismo no interior do Brasil (Souza, 2002).

Definitivamente, o destino dos negros brasileiros, devendo frequentar a missa, ser fieis e demonstrar toda a fidelidade através das obras, da admissão de sua condição escrava, contribui para limitar as possibilidades educacionais – traduzindo educacionais como índice de analfabetismo (Costa, 1998). A dinâmica proporcionada pelo protestantismo é completamente distinta se se tomar como referência o princípio de que a fé é uma atividade individual, vivida no isolamento do sujeito com ele mesmo. As questões mundanas são trazidas e avaliadas no foro íntimo. O distanciamento em relação a Deus não dá qualquer possibilidade de acesso à certeza da verdade revelada. Logo,

ícones fazem-se ineficientes, uma vez que a presença de Deus na terra, por meio de santos, anjos, é impossível – pois o mundo é obra já criada, sem interferência divina (Skinner, 2006).

O culto religioso, no protestantismo, se dá isoladamente. A presença em igrejas se faz, sobretudo, como momento de se compartilhar a palavra de Deus e reforçar a sua certeza no entendimento da leitura da bíblia. Aliás, a leitura da bíblia, pelo menos desde Lutero, adquire um caráter de arbitrariedade. O homem, tendo de resignar-se com o distanciamento de Deus em relação ao seu mundo, deve, por sua própria conta, interpretar a palavra da Criação, sendo, portanto, responsável quanto à leitura da bíblia. Assim, pelo menos em termos superficiais, justifica-se os motivos pelos quais as taxas de analfabetismo entre os protestantes são inferiores quando comparadas aos católicos (Skinner, 2006).

Mas, o objetivo do presente texto não é o de tratar de escolaridade e analfabetismo entre os escravos protestantes e católicos. Com o intróito acima, busca-se, brevemente, sinalizar para o diferencial no processo de formação de uma memória em um povo, como o brasileiro, cuja tradição escrita mostra-se relativamente incipiente. As consequências de tais fatos, principalmente no que toca à formação de uma cultura, são evidentes. Falar em cultura brasileira, de sua formação, de um povo brasileiro, torna-se desafio espinhoso. Pode-se tomar como paradigmática a questão da literatura.

Cândido (2006), tal como denunciado por Haroldo de Campos, ao fazer uma exposição da formação da literatura brasileira, sequestra o barroco em nome de um formalismo a presumir a construção de uma literatura crítica. No entendimento de Cândido (2006), em grande parte fundado nos pressupostos de Jakobson, a atitude literária presume um processo comunicativo e, por sua vez, de transmissão de informações com uma extremidade emitindo tais informações e outra as recebendo. A efetividade do processo, o sucesso da literatura, somente se faz possível a partir do momento em que se tem uma consideração da mecânica evidente neste mecanismo (Cândido, 2006).

Os escritos, portanto, passam a ser porta-voz de uma cultura a partir do momento em que é lido e interpretado. Qual seja, há entre as duas extremidades um princípio de compartilhamento de valores gerando a identificação entre os agentes, uma identificação dada fundamentalmente por meio da mensagem, o texto literário. Nota-se, neste caso, a fidelidade de Cândido (2006) ao princípio formalista da História como forma de traçar a trajetória seguida pela literatura brasileira. Em seu entendimento, a literatura brasileira pode ser interpretada basicamente a partir do Romantismo, cujo ápice se dá essencialmente com a obra machadiana (Cândido, 2006).

O princípio da evolução é patente na formulação de Cândido (2006). Logo, a literatura, inserida na História e, portanto, dialogando com os princípios culturais da constituição de um povo – a partir dos valores, históricos, compartilhados por este povo – representaria um processo de tomada de consciência – no sentido mais hegeliano em sua interpretação do espírito na História. Trata-se de uma consciência a evoluir em seu processo de formação do sujeito, do indivíduo, caracterizando a reflexão do processo de formação do sujeito enquanto agente da História. Desse modo, a admissão do escritor – para ficar na literatura – como alguém a agir historicamente implica rigidez metódica na caracterização dos fatos históricos – interferentes da cultura – de maneira que se faça porta-voz de tais fatos (Cândido, 2006).

O horizonte de “História da formação da literatura brasileira” é claramente neokantiano. A razão transcendental, o tribunal do juízo, circunscreve o entendimento que se tem do processo criativo do artista/literato. Da mesma maneira, compreende-se o leitor sob a perspectiva de ser capaz de desenvolver a sua razão a ponto de captar o seu caráter transcendental e realizar a interpretação crítica – o universo é sempre crítico – da literatura brasileira, de sua cultura.

Neste comenos, o herói romântico, materializado na figura do índio – o arquétipo Ceci, de José de Alencar – remete à necessidade de identificação do classicismo e sua preocupação na configuração da perfeição humana. O primeiro dos heróis brasileiros construídos pela literatura – segundo Cândido (2006), a primeira manifestação autenticamente literária – objetiva tornar evidente este índio, este modelo de homem brasileiro, edificando o desejo de um povo, o de que seja um povo com consciência, com noção da perfeição, ansiando por esta perfeição na figura de um indivíduo. O Brasil, portanto, faz, a seu modo, algo similar ao resgate do clássico. Por isso Machado de Assis seria o ápice dessa capacidade crítica, justamente por conseguir desvendar os vícios – e algumas virtudes – da emergente sociedade urbana brasileira – a modernidade, a urbanização, não viria sem fraturas em um povo sem uma trajetória retilínea em sua constituição, ainda que se tenha de forçar muito o olhar para ver uma linha reta (Cândido, 2006).

O sucesso da empreitada formalista do estudo da formação da literatura brasileira, de Cândido, não poderia ser efetivado se o Barroco estivesse presente, desde o princípio, na constituição das primeiras manifestações literárias. O Barroco, em sua estética do desperdício, conforme salientado por Sarduy (1987; 2004), configura o extremo oposto de uma manifestação estética calcada no classicismo. O Barroco é a pujança urgente da constituição humana, ao mesmo tempo em que é livre de um formalismo historicista. Desconsiderar o Barroco é ser arbitrário na atribuição de datas. E, neste caso, a arbitrariedade se dá em busca de um modelo, o clássico, que,

definitivamente, é um modelo de negação da própria constituição barroca do Brasil (Campos, 2011).

Benjamin (2012), ao estudar a constituição da tradição literária e artística alemã, promove a consistente crítica à estética neokantiana ao demonstrar que a busca pelos modelos clássicos se dá justamente pela crise de sua tradição. O Barroco, portanto, manifestação de um espírito, seria essa gigantesca força centrípeta a tragar tudo para o seu interior no intuito deste mesmo espírito constituir um sentido para a sua existência. Aliás, a sua existência se dá justamente em buscar a existência (Benjamin, 2012).

Desse modo, o Barroco transcenderia o formalismo da História da Arte, não devendo ser visto como estágio posterior do Renascimento (Wölfflin, 2010), tampouco como estágio preparatório para o Romantismo e Neoclassicismo. Ele é um modo próprio do espírito, apto a surgir em qualquer momento de uma civilização, desde que o espírito sinta necessidade. Esta necessidade se daria fundamentalmente pela ausência de um referencial histórico, uma espécie de crise, na qual o sujeito encontra-se perdido em seu mundo, pois suas crenças anteriores encontrar-se-iam abaladas por fatores diversos. Por conseguinte, o século XVII seria visto como um século barroco não por ver nele um estilo posterior e evoluído em relação ao Renascimento, guardando as suas particularidades, mas, essencialmente, porque o conjunto de saberes humanos – basicamente, a cosmologia ocidental – encontra-se abalada por inúmeros questionamentos apresentados no que toca a uma Revolução Científica, à descoberta de novos povos distintos da linhagem adâmica em um continente não previsto pelas leituras bíblicas, à Revolução Religiosa, basicamente, a Reforma Protestante, levando às dúvidas quanto à presença de Deus no mundo, entre outros (Argan, 1996a; 1996b).

Benjamin (2012) vê exatamente isso quando, ao fazer um estudo apurado sobre a formação da literatura e arte alemãs dos séculos XVII e XVIII, identifica a constante referência aos elementos clássicos, especificamente à tragédia grega, na composição da cultura de seu povo. Portanto, distintamente de observar a evolução racional alemã manifestada nas artes, Benjamin (2012) revela as mentes dos artistas como perturbadas, devido à inexistência de uma sólida cultura naquele momento, em seu próprio povo, devendo, portanto, resgatar os clássicos – pois lá estariam a perfeição impossível de encontrar em seu próprio mundo. Isso é Barroco, acompanhado pelo drama da resignação quanto à condição da vida dos alemães do princípio da modernidade. *A origem do drama trágico alemão* demonstra como a arte moderna alemã, e a cultura alemã como um todo, surgem em decorrência de uma ansiedade e sofrimento do indivíduo alemão em meio a um mundo a

se tornar extremamente ameaçador, pois não tem nada a oferecer além de questionamentos (Benjamin, 2012).

O Barroco alemão, segundo Benjamin (2012), surge como uma alternativa, pois suas próprias características são a de assimilar distintas culturas no processo de formação de uma nova cultura em construção. Ou seja, como o mundo, no caso alemão, é impossível de ser vivido, constrói-se um novo mundo, cujas referências seriam buscadas em fragmentos encontrados na história da humanidade que, no caso, seriam em grande medida a cultura helênica e a tragédia clássica, como forma de fazer as pazes com uma ideia de perfeição. A perfeição, o Belo, o Bom e o Justo, não seriam encontrados por si só na cultura alemã, em um processo evolutivo seu (Benjamin, 2012). E, pensando no espírito e na monadologia leibniziana, conforme apresentado por Deleuze, isso seria possível de ocorrer em qualquer civilização (Deleuze, 1988).

Seguramente, o Brasil não se insere na tradição europeia a presumir a existência de um modelo clássico anterior. Portanto, há uma gravidade maior ainda na caracterização dos esforços de Cândido (2006) quanto à formação da literatura brasileira. Isso porque, para que haja por parte de tais literatos a necessidade de afirmação de um modelo clássico a embasar a constituição da literatura brasileira – cuja visibilidade, tal como comentado, se faz por meio do romantismo – é necessária uma estrutura julgadora a se auto-atribuir a capacidade de diagnóstico da verdade.

Uma leitura hermenêutica, neste caso, permite uma crítica substancial a partir de Gadamer (*apud* Rocha Rodrigues, 2014), em sua identificação das atitudes hermenêuticas comuns na História. A segunda delas pressupõe a capacidade do hermeneuta de se mostrar superior, em termos de conhecimentos, àquele povo/sociedade por ele estudado. Ou seja, este povo/sociedade seria completamente ignorante de sua trajetória e racionalmente incapaz de promover uma reflexão substancial. Novamente, prevalece a herança iluminista em sua matriz neokantiana (Rodrigues, 2014).

É por isso que Campos (2011) frisa a necessidade de consideração do Barroco como ponto de partida para a constituição de uma tradição literária brasileira. Aliás, a palavra tradição, como demonstrada mesmo por Barboza Filho (2000), é algo muito caro na formação do Brasil, principalmente se se levar em conta o seu período colonial. Como identificar uma tradição em território brasileiro? Onde está o seu princípio?

O Barroco, neste caso, dialogando com o princípio benjaminiano de manifestação do espírito, seria justamente este movimento de assimilação dos conteúdos culturais, fragmentários, presentes na constituição do Brasil colonial. Negros, índios, brancos europeus – somente para ficar

nos mais conhecidos – inevitavelmente teriam os resíduos de suas culturas em ebulição diante de um ambiente a demonstrar uma característica edênica, de pureza (Holanda, 1997).

Mas, uma vez que o Clássico é inexistente, o Barroco promove justamente a assimilação de tudo o que está ao seu redor. O que importa, antes de qualquer coisa, é o movimento do espírito, cuja direção é caracterizada por ser a de todas as direções possíveis (Deleuze, 1988). E nisso o negro vai parar no interior da casa-grande, compondo o quadro social da família brasileira – ponderando, claramente, todos os abusos cometidos pelos brancos em relação a eles. Enfim, este é o caminho percorrido pela mestiçagem e a composição do que viria a ser caracterizado como uma nova raça.

Se o valor clássico fosse realmente presente, determinante, tal como se afigura na obra de Cândido (2006) – cuja materialização estaria no romantismo enquanto movimento literário cultural – far-se-ia impossível a admissão dessa mestiçagem, da participação de culturas de “povos sem culturas” na formação de uma nova cultura. A literatura do Brasil, e praticamente todas as suas manifestações culturais, vêm de baixo, das entranhas deste povo que, desprovido de uma orientação verticalizada para o seu espírito – aos moldes de uma razão transcendental kantiana e seu tribunal do juízo – proporciona o imenso bricolagem sem estrutura na composição de sua realidade, pois, afinal, nada mais lhe importa do que a realidade – arrisca-se a dizer que a única coisa que existe para si é a realidade, nada mais.

Todo o imaginário brasileiro se dá justamente na construção desta realidade e, conseqüentemente, na maneira como se lidará com ela. E, definitivamente, é o barroco quem proporciona isso. A consideração da trajetória da literatura brasileira, e da cultura brasileira, de Cândido (2006), ao desprezar o Barroco, ao sequestra-lo – tal como dito por Campos (2011) – cega a própria interpretação do Brasil e tampa a fresta a permitir a entrada da luz interpretativa sobre o brasileiro.

Voltando ao intróito, pensar a distância do brasileiro mediano em relação à escrita e, portanto, em relação à capacidade ortodoxa de documentação de sua cultura, de formulação de uma cultura clássica, proporciona o questionamento quanto ao local onde se deve buscar a base para a formação desta cultura. Isto é: onde vai o Barroco procurar os elementos para a constituição da cultura brasileira?

Não há uma resposta definitiva para o questionamento do parágrafo anterior. Mas, seguramente, mediante os argumentos aqui apresentados, o corpo do brasileiro seria um bom caminho para se pensar na formação desta cultura brasileira. Refazendo a trajetória de Bosi (1992),

a palavra *cultura* tem origem latina, no verbo *colo* que, em seus primórdios, significa “eu cultivo”, “eu cultivo solo”. Daí agricultura como “cultura do campo”. Sua origem em *colo* remonta ao que deve ser cultivado. Sua relação com o futuro é patente e proverbial – a terminação *ura*, em latim, é desinência de futuro, fut-*uro*. A transmutação de uma característica fundamentalmente concreta para uma mais abstrata dá-se por meio do contato dos romanos com os gregos. Assim, *cultura*, ao assimilar a semântica de *Paidós* – algo como pedagogia, diretamente relacionado ao complexo e muitas vezes mal interpretado conceito grego de *eudaimonia* – adquirindo um novo *status* no Império Romano em expansão. A partir do verbo *colo*, deriva-se o seu particípio passado, *cultus*, aquilo que já foi trabalhado, ligando-o a algo essencialmente espiritual e, posteriormente, religioso (BOSI, 1992).

Eis de maneira muito breve a trajetória etimológica de *cultura*. Nota-se, neste caso, a complexidade de sua formação, levando em conta o tempo e o dualismo concreto-abstrato. De uma definição concreta ligada ao futuro passa para outra relacionada ao abstrato e passado. Do verbo inicial, *colo*, deriva *colono* e *colonização*. Estes, ao longo do tempo, assimilam o elemento material, como o que domina uma determinada terra, colonizando-a, ao mesmo tempo em que a cultura espiritualmente, aplicando a ela valores abstratos – *cultus* (Bosi, 1992). Portanto, cultivar o corpo não envolve somente o princípio estético. É possível definir o culto ao corpo como uma espécie de cultivo do corpo e sua colonização. A colonização, neste caso, imprime a implementação de uma ideia, de princípios e valores imanentes à constituição do sujeito habitante deste corpo. Obviamente, tais ideias não são restritas a um universo individual, mas, fundamentalmente, compartilhadas pelos sujeitos a constituírem essa sociedade. Trata-se de valores a dizerem muito a respeito da formação desta sociedade, desta barroca sociedade, cujos princípios não estão solidificados em tradições anteriores a moldarem possibilidades metafísicas de razão.

Ora, parece simples, mas é significativo. Explorar o imaginário brasileiro em torno do corpo tende a desvendar muito do potencial de construção de sua identidade. E, portanto, neste ponto, falar em uma estética do corpo se torna propósito absurdo. Não existiria uma estética do corpo, mas, sendo mais complexo, existiria uma estética cultural brasileira que é possível de visualização no corpo – ela se espelha no corpo tal como pode ser espelhada em diversos outros elementos presentes no mundo.

A identidade do brasileiro, necessariamente em diálogo com o seu corpo, com o corpo humano, compõe justamente os valores estéticos da cultura brasileira. Por conseguinte, quando se pensa o corpo, quando se olha ou vivencia o corpo, é uma cultura barroca brasileira que se expressa,

juntamente com os valores diretamente relacionados à constituição dessa cultura.

É preciso, ainda, atentar que o foco no corpo humano não significa incapacidade de desenvolvimento de uma razão superior, vigente na estética neokantiana já mencionada e contestada por Benjamin (2012). Pelo contrário, é justamente a racional prisão iluminista desta estética que confere a impossibilidade de visualizar a singularidade da constituição do sujeito brasileiro, implicando busca pelos seus valores estéticos, suas noções de beleza, em configurações externas e estranhas à sua cultura, à sua identidade. Definitivamente, é uma leitura hermenêutica com consequências diretas na epistemologia do estudo do corpo.

Este texto tem um propósito muito mais reflexivo e até mesmo ensaístico. Não se deseja bater o martelo e definir a necessidade de revisão dos estudos sociológicos e antropológicos sobre o corpo humano feito até o presente momento. É a ânsia de entender a famosa e conhecida maleabilidade do brasileiro com o futebol vista na ginga do drible, sua capacidade de criação de danças *swingadas* absurdamente sensuais – sem que componham precisamente um quadro ritualístico, como normalmente visto em sociedades tribais –, sua assimilação aparentemente irrefletida de *yankees* noções de beleza – encontrando-se o país em um dos primeiros lugares tanto na produção de cosméticos como na realização de cirurgias plásticas –, entre outros exemplos, é o que despertou a curiosidade para a reflexão sobre este texto.

Cândido (2006), ao sequestrar o barroco da constituição de uma literatura autenticamente brasileira, faz com que seja posto de lado uma série de elementos fundamentais para o entendimento da identidade e – por que não? – da personalidade brasileira, desperdiçando um gigantesco potencial de compreensão de suas premissas básicas, de sua constituição, ainda em relação ao período colonial, cheio de vida, embora menos atrativo aos pesquisadores. De alguma forma, questiona-se, neste texto, se se fazer uma análise do corpo humano somente a partir da perspectiva da cópia, de ideal de beleza, de uma estética do belo previamente delimitada por uma tradição clássica, não seria cometer o mesmo erro de Cândido (2006), agora em uma análise do corpo humano.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde ver, a ideia do texto orbita na necessidade de promoção de um debate em torno da consideração do corpo no Brasil, a maneira como os brasileiros olham para ele, de maneira simétrica à consideração quanto à formação da sociedade brasileira, juntamente com a sua cultura.

Obviamente, é impossível esgotar o tema proposto, mas, suscitar discussões em torno de conceitos como os de estética e quanto à forma como a reprodução de padrões de beleza é constantemente feita é minimamente possível.

Por isso, questionar o corpo do brasileiro, a sua fetichização segundo ideais de beleza pressupõe o reconhecimento mínimo do processo de formação do brasileiro propriamente dito. Assim, questiona-se sobre o sentido em considerar o sujeito no Brasil como uma tábua rasa, pronto para assimilar princípios de beleza estranhos à sua constituição. Valer-se do Barroco presume exatamente a existência de um olhar sobre a formação do sujeito brasileiro enquanto indivíduo e, como se viu de maneira muito breve, a sua trajetória de assimilação de elementos culturais dispersos pelo mundo, cujas consequências na estruturação da mestiçagem, por exemplo, são evidentes – por que não estariam na construção da ideia de corpo?

Enfim, o ensaio toca na necessidade de uma investigação abrangente, a remontar não somente ao processo de constituição do brasileiro, mas, fundamentalmente, de diferenciação deste processo em relação aos de outras sociedades. Portanto, o propósito vigente, uma vez aprofundado em seus requisitos epistemológicos, permitiria que fosse aberto um ponto de partida para o reconhecimento dos princípios estéticos vistos na condução da saúde do corpo do Brasil, mas, mais especificamente, abriria caminhos para uma diferenciação sua em relação a outras sociedades, outras culturas, possibilitando a identificação de fatores singulares em cada uma delas e, notadamente, suas respectivas exigências de beleza e a interpretação de tal beleza, juntamente com sua importância, na organização de seu universo simbólico.

REFERÊNCIAS

- Argan, G. C. (1996a). *Renacimiento y Barroco I: De Giotto a Leonardo da Vinci*. Madrid: Alral Ediciones.
- Argan, G. C. (1996b). *Renacimiento y Barroco II: De Miguel Ángel a Tiépolo*. Madrid: Alral Ediciones.
- Barboza Filho, R. (2000). *Tradição e artifício: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ.
- Benjamin, W. (2012). *El origen del Trauerspiel alemán*. Madrid: Abada Editores.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Campos, H. (2011). *O sequestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório*

de Matos. São Paulo: Iluminuras.

Cândido, A. (2006). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.

Costa, E. V. (1998). *Da senzala à colônia*. São Paulo: Ed. Fundação UNESP.

Deleuze, G. (1988). *El pliegue: Leibniz y el Barroco*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.

Holanda, S. B. (1997). *Visão do paraíso: Os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rocha Rodrigues, W. F. (2014). As contribuições da hermenêutica filosófica para a compreensão de uma tradição científica. *Rev. Pensamento Plural*, Pelotas, n.15:151-164, jul./dez.

Sarduy, S. (1987). *Ensayos generales sobre el barroco*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Sarduy, S. (2004). La cosmología barroca: Kepler. In: HARO, Pedro Aullón de. *Barroco*. Madrid: Editorial Verbum, pp. 279-298. (Serie teoría/crítica)

Skinner, Q. (2006). *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, L. M. (2002). *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras.

Wölfflin, H. (2010). *Renascença e Barroco: estudo sobre a essência do estilo Barroco e a sua origem na Itália*. São Paulo: Perspectiva.